

## A TRAJETÓRIA DE ESTUDANTES NEGROS E NEGRAS INGRESSANTES POR COTAS ÉTNICO RACIAIS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFPEL

*THE TRAJECTORY OF BLACK AND INCOMING BLACK STUDENTS BY ETHNIC RACIAL QUOTAS OF UFPEL  
PHYSICAL EDUCATION UNDERGRADUATE COURSES*

**Giovanni Ernst Frizzo** - Doutor em Ciências do Movimento Humano UFRGS.  
E-mail: gfrizzo2@gmail.com

**José Alberto Coutinho** - Mestre em educação Física UFPEL. E-mail: j.coutinho19@hotmail.com

### RESUMO

Este artigo apresenta uma sistematização do conhecimento produzido na dissertação apresentada ao programa de pós-graduação da ESEF-UFPEL. Traçamos como objetivo geral analisar a trajetória de estudantes negros (as) nos cursos de Graduação em Educação Física da ESEF/UFPEL ingressantes por cotas étnico-raciais (Lei nº 12.711/2012). Este trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo, de caráter descritivo. A pesquisa se utilizou como instrumento de coleta, entrevista semiestruturada, para as entrevistas. Os convites eram feitos formalmente na presença da pessoa e/ou através das redes sociais. O total de selecionados para as entrevistas foram treze estudantes. Somente sete aceitaram participar do estudo. Na opinião do alunado da pesquisa, o racismo é algo que existe e que é mascarado. No grupo pesquisado, a maioria teve quase que concomitantemente com os estudos dividir sua carga horária do dia com o trabalho.

**Palavras-chaves:** Educação Física; ações afirmativas; racismo.

## ABSTRACT

This article presents a systematization of the knowledge produced in the Dissertation presented to the graduate program at ESEF-UFPEL. We set out as a general objective to analyze the trajectory of black students in the Undergraduate Physical Education courses at ESEF/UFPEL entering by ethnic-racial quotas (Law nº 12.711/2012). This work is characterized as a qualitative, descriptive study. The research was used as a collection instrument, a semi-structured interview. for the interviews. Invitations were formally made in the person's presence and/or through social networks. Thirteen students were selected for the interviews. Only seven agreed to participate in the study. In the opinion of the research students, racism is something that exists and is masked. In the researched group, the majority had almost simultaneously with the studies to share their workload for the day.

**Keywords:** Physical Education; affirmative actions; racism.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo<sup>1</sup> tem por objetivo sistematizar o conhecimento produzido na dissertação de mestrado defendida em 2020, e intitulada “A trajetória de estudantes negros e negras ingressantes por cotas étnico raciais dos cursos de graduação em Educação Física da UFPEL”. Um dos principais desafios ao assumir tal temática e perspectiva metodológica como norteadora desta dissertação se reflete no fato de que, no programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFPEL (PPGEF) – onde este estudo foi realizado, até o presente momento, nenhuma dissertação com base “antirracista” e que aborda questões a partir de políticas públicas de ingresso de cotistas raciais havia sido defendida. No entanto, apesar dos desafios, entendemos que nosso estudo é um avanço significativo para a EF e para o PPGEF.

A política<sup>2</sup> em questão e que servirá como base norteadora de nosso estudo é denominada lei 12.711/12 que, mais conhecida como uma política de reparação de direitos essenciais, obriga todas as Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) e Institutos Federais de Nível Técnico (IFNT) a destinarem 50% das vagas ofertadas para estudantes autodeclarados e/ou deferidos por comissão pretos, pardos, indígenas e/ou de escolas públicas e/ou baixa renda ou independente da renda, mas que se enquadrem em tais características étnico-raciais.

Embora oficialmente estejam instituídas cinco denominações “raciais” para referir-se à população dentro do país (branca, preta, parda, amarela e indígena), nesta pesquisa usaremos a expressão *NEGROS(AS)* para abranger os que se autodeclararam pretos(as) e pardos(as) nos indicadores/dados analisados pela pesquisa.

Este estudo foi realizado na Escola Superior de Educação Física (ESEF/UFPEL), curso criado em 1977 e situado na cidade de Pelotas/RS, com mais de 45 anos de história. É possível dizer que a ESEF obteve, na última década, um novo perfil discente, o qual só foi possível por conta da lei 12.711.

Uma das justificativas deste estudo, no referido curso o alunado cotista soma menos da metade do total de estudantes matriculados no ano de realização do estudo<sup>3</sup>. No período referente à pesquisa, os matriculados na graduação contabilizavam um total de 567 estudantes,

1. O presente trabalho foi realizado com apoio - Código de Financiamento 001 da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES)

2. Antes da aplicação da referida lei 12.711, 36% das IFES (21 de 58) não possuíam nenhuma ou qualquer política dessa natureza (GEMAA, 2016).

3. Dados obtidos na ESEF em dezembro de 2018 e abril 2019.

divididos em três cursos de graduação, licenciatura noturno e diurno bacharelado diurno. Entre esses, os estudantes cotistas étnico-raciais somavam 127 estudantes. Nove anos se passaram desde a obrigatoriedade deste modelo de cotas nas IFES, e ressaltamos que, na instituição pesquisada, até o momento não havia nenhuma iniciativa nesse formato de ingresso, para pessoas negras, sendo a última no RS a adotar tais políticas.

Atualmente convivemos com uma lei que tem como aplicação impor/obrigar todas as IFES destinarem parte de suas vagas para esse perfil de estudante, e mesmo assim temos considerável minoria negros(as) dentro das Instituições Federais. Um fato contraditório, até mesmo porque a população negra é maioria em território nacional<sup>4</sup> e em Pelotas que, até o ano de 2003, tinha sua população majoritariamente negra, 51.557 conforme dados do IBGE (2003) considerada a cidade do Rio Grande do Sul (RS) com a segunda maior população negra, perdendo no contingente de negros(as) apenas para capital do RS/Porto Alegre (IBGE, 2010).

No fim do século XIX, negros(as) recém “libertos/as” sem outras alternativas concentraram-se às margens das cidades, que haviam se transformado em locais exclusivos onde era permitido trânsito somente de pessoas brancas e da “elite”; o ex-escravo recebia agora uma nova condição, a de “marginalizado”.

Sem perspectivas maiores em outras regiões do país, migravam para regiões com certo dinamismo econômico e, na recente e em desenvolvimento no país, a gênese da industrialização nacional, um novo operário surgia, no entanto, considerado desqualificado pelos setores fabris, o negro(a), à procura por trabalho, ainda tinha que concorrer em desvantagem com os imigrantes europeus, que eram vistos como mão de obra especializada na época, pois as maioria das indústrias eram internacionais (HASENBALG, 2005).

Assim, no período pós-abolição, a população negra se tornou um recurso importante: mão de obra barata, dependente e reserva do trabalho emergente no país. A busca pela sobrevivência (estadia e alimentação) e por uma ascensão social, na transição do período colonial para essa nova fase ou ordem capitalista, tornou a população negra vítima dessa nova ordem, em desigualdade na concorrência, que passava até então a ser “livre” nas disputas por vagas de trabalho (RIBEIRO, 2010).

As diferenças entre grupos de pessoas no desenvolvimento do capitalismo são/foram utilizadas para a manutenção das desigualdades em que o silenciamento e a opressão são reflexos dessas relações sociais, que diferenciam pessoas por questões raciais, e são refletidas em discursos sociais. Tais diferenças estão imbricadas nas formas de pensar de pessoas que ignoram os dados da realidade e reproduzem o racismo em seu cotidiano.

Para Almeida (2019), o racismo tem definições que se diferem, a primeira chamada de “preconceito racial” e a segunda de “discriminação racial”, distinguindo assim: o “preconceito racial está baseado no juízo de estereótipos a indivíduos que pertençam a algum tipo de grupo racial” como marginalizar os negros e considerá-los violentos, já a discriminação racial “é a atribuição de tratamento diferenciado” como agressões e a violência policial, por exemplo (ALMEIDA, 2019, p. 32). As questões de opressão a esses grupos estão vinculadas a uma relação de poder desde a gênese do capital.

Destacamos ainda duas definições de discriminação expostas pelo mesmo autor, definidas por ele como “direta” e “indireta”, ambas motivadas pela condição “racial”, a discriminação direta representa ações que culminam desde agressões até repúdio a indivíduos; e a indireta está relacionada a situações em que as pessoas ignoram discriminações do cotidiano e são marcadas pela imparcialidade na luta contra o racismo (ALMEIDA, 2019, p. 33).

As relações de opressão racial foram e continuam sendo uma das características centrais das

4. IBGE –Negros(as) e pardos somam-se 55,8% da população Nacional (PNAD Contínua, 2018).

sociedades capitalistas, estando institucionalizadas em uma discriminação sistemática em que pessoas negras sofrem com os mais precários trabalhos, moradias, dificuldades de manterem-se no sistema educacional ou conseguir um emprego formal. De fato, “as estratégias e os recursos utilizados pelos indivíduos na busca de ascensão social requerem em alguns casos, mais do que um diploma, exigem também a ruptura com um passado na aquisição de uma nova identidade” (RIBEIRO, 2010, p. 18).

Com o passar do tempo o racismo foi se fundindo no senso comum como algo do passado; atualmente, manifesta-se através de desigualdades que se acumularam desde a chegada dos(as) primeiros(as) negro(as). De forma geral, os aspectos intergeracionais refletem ainda hoje nas pessoas negras o que seus antepassados enfrentaram nos mais trezentos anos de escravidão instituídas no Brasil.

As (des)vantagens acumuladas pelos pais irão refletir nos(nas) filhos(as) e elas estão diretamente associadas à classe e à posição do indivíduo na estrutura social. Assim, quanto maior o investimento para que o futuro da nova geração possa ser de sucesso, o êxito ocorrido na trajetória da geração passada é, também, de fundamental importância (HASENBALG, 2005).

Infelizmente, ainda por muitas pessoas o racismo<sup>5</sup> no Brasil é tratado como um fenômeno do passado, algo já extinto com a abolição da escravatura. “No Brasil, a discussão do referido tema assume uma superficialidade capaz de convencer a sociedade da inexistência de atitudes racistas em relação a essa parcela da população” (JEZUINO, 1997, p. 486).

O racismo, em suas diversas características e concepções, desenvolve-se com vertentes que tratam características biológicas, como a identidade racial, um fator atribuído por traços físicos, como a cor da pele. Também se desenvolve embasado nas características étnico-culturais, em que a identidade será associada à origem geográfica, religião, à língua e dialeto, como os costumes (ALMEIDA, 2019). É um conceito construído historicamente e utilizado no intuito de diferenciar e segregar pessoas, social e culturalmente. Em outras palavras, o racismo é construído para distinguir grupos de pessoas a determinadas setores da sociedade, sempre baseados em suas características biológicas, físicas ou genéticas. Dito isto, podemos afirmar que o racismo é uma relação social que se estrutura política e economicamente; portanto, formou-se como parte de um processo do qual o capitalismo se apropriou.

Tendo em vista as reflexões até o momento, traçamos como objetivo geral analisar a trajetória de estudantes negros(as) nos cursos de Graduação em Educação Física da ESEF/UFPEL ingressantes por cotas étnico-raciais (Lei nº 12.711/2012). E, como objetivos Específicos, traçamos: compreender a trajetória dos(as) estudantes até a escolha do curso de EF; analisar a trajetória de vida destes estudantes.

## METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa demonstrou-se a mais correspondente ao presente estudo, pelo fato dela se atentar com um nível de realidade que vai além da quantificação, ou seja, ela trabalha com um universo de significados, pretextos, aspirações, crenças, valores e atitudes. Este trabalho se caracteriza como um estudo qualitativo, de caráter descritivo, o qual exige do pesquisador uma série de informações sobre o que se objetiva pesquisar. Em outras palavras, um “estudo descritivo pretende descrever ‘com exatidão’ os fatos e fenômenos de determinada realidade” (TRIVIÑOS, 1987, p. 111).

5. Racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencam (ALMEIDA, 2019, p. 32).

Ainda, segundo Triviños (1987, p. 129) esse tipo de estudo “busca as causas decorrentes da existência dele, procurando explicar sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por intuir as consequências que terão para a vida humana”.

Nossa pesquisa se utilizou como instrumento de coleta, entrevista semiestruturada ou por “pautas” como define GIL (2008), o qual caracteriza este tipo de entrevista a que

apresenta certo grau de estruturação, já que se guia por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador vai explorando ao longo de seu curso. As pautas devem ser ordenadas e guardar certa relação entre si. O entrevistador faz poucas perguntas diretas e deixa o entrevistado falar livremente à medida que refere às pautas assinaladas. Quando este se afasta delas, o entrevistador intervém, embora de maneira suficientemente sutil, para preservar a espontaneidade do processo (GIL, 2008, p. 112).

Nossa entrevista foi elaborada através de roteiro com oito questões abertas, no intuito de buscar os objetivos propostos para o estudo. Para o autor,

essas entrevistas são muito utilizadas em estudos exploratórios, com o pro-pósito de proporcionar melhor compreensão do problema, gerar hipóteses e fornecer elementos para a construção de instrumentos de coleta de dados. Mas também podem ser utilizadas para investigar um tema em profundidade, como ocorre nas pesquisas designadas como qualitativas (GIL, 2008, p. 113).

Como critérios de seleção dos/as colaboradores, optamos por escolher aquele alunado que vivenciou de certa forma o início da política de AAS na UFPel, já com certa trajetória no curso de EF.

Embasados nos dados fornecidos pela ESEF, onde estão os/as estudantes, dizemos que os cotistas mais antigos nos registros são de 2014 e que somam apenas três estudantes. Portanto, optamos por escolher aleatoriamente mais quatro estudantes do ano de 2015, ano em que houve o ingresso de vinte estudantes cotistas.

O grupo pesquisado pode parecer reduzido, mas destacamos que isso se dá por tratar-se de uma experiência qualitativa, e também os sujeitos da pesquisa são minoria na instituição estudada, limitamos ainda ao recorte temporal dos anos 2014-2015.

Ressaltamos que nos detemos a tal recorte pelo fato de eles estarem em proximidade de conclusão de curso e já terem certa trajetória na formação em EF, podendo dizer que são estudantes que já possuem uma vivência parcial e certo percurso na graduação e, por isso, teriam uma percepção melhor da realidade vivenciada.

Como já mencionado anteriormente, optamos pelos estudantes mais antigos registrados no sistema do colegiado de graduação da ESEF/UFPel, desse montante, e nesse recorte temporal, elencamos, totalizamos três estudantes selecionados para participar do estudo, destes, seis se recusaram a participar ou não compareceram nos encontros para as entrevistas, e somente sete aceitaram participar do estudo.

Elencados os entrevistados, fizemos contato com o alunado. Então, começamos conversando com os estudantes a partir do ano mais antigo de ingresso, nesse caso, 2014. Em seguida, convidamos os/as de 2015, para as entrevistas. Os convites eram feitos formalmente na presença da pessoa e/ou através das redes sociais.

As entrevistas foram feitas separadamente, face a face, sendo todas devidamente gravadas e registradas após o esclarecimento prévio e autorização dos estudantes, mediante a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Na sequência, as entrevistas foram transcritas e enviadas aos colaboradores para que fosse feita a leitura e devida apreciação, assim como possíveis alterações validando o conteúdo do material, que totalizou em mais de cinco horas de gravação.

Conversamos com um total de sete estudantes, duas mulheres e cinco homens, quatro desses do curso de bacharelado e três do curso de licenciatura diurna, idades entre 22 e 39 anos, sendo dois estudantes ingressantes de 2014 e cinco do ano de 2015. Optamos por manter a identidade dos entrevistados em sigilo para evitar qualquer tipo de constrangimento. Em vista disso, como identificação dessas pessoas, utilizaremos uma numeração e a primeira letra do nome, visando à preservação e o anonimato. As entrevistas foram realizadas entre os meses de outubro e novembro de 2019, guiadas a partir do roteiro semiestruturado e tendo como ponto central os objetivos a serem alcançados no estudo.

**Quadro 1** – Relação de entrevistados por curso, ano, modalidade, idade

Estudante	Curso	Gênero	Ano Ingresso	Categoria Cota	Idade
Est. S	Bacharel	Homem	2014	L02	26
Est. F	Licenciatura	Homem	2015	L06	35
Est. G	Bacharel	Homem	2015	L06	24
Est. K	Bacharel	Mulher	2015	L06	22
Est. N	Licenciatura	Mulher	2015	L02	37
Est. T	Licenciatura	Homem	2015	L02	23
Est. V	Bacharel	Homem	2014	L02	39

Fonte: Autores

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

*“tu entras e reza pra sair, se tu sair né meu” (ENTREVISTA 7, V. 2019)*

Abrimos nossas discussões com o relato de um dos entrevistados que em tom exclamativo, sem muitas esperanças colocou que “sair” se formar no caso, em um curso superior acaba por se tornar mais difícil que ingressar na universidade. No decorrer destas discussões apresentaremos como se deu estas vivências.

Neste capítulo, refletiremos a respeito dos elementos que levaram os estudantes a escolha do curso de Educação Física; com a intenção de ter uma visão mais detalhada do perfil do alunado da pesquisa. Por exemplo, descobrir como é o contexto social dos entrevistados(as), o lugar em que eles(as) partem e para onde eles(as) projetavam ir.

Na entrevista, pedimos para que os estudantes perfizessem um caminho de suas trajetórias, que nos contassem suas vivências até o momento de decisão do ingresso no ensino superior, e como se deu a escolha do curso de Educação Física (EF) neste processo.

Ao analisarmos suas narrativas, vimos que estão divididos em grupos distintos, mais especificamente em dois grupos: uns apresentam mais dificuldades que outros, quatro dos(as) entrevistados(as) apresentaram dupla jornada, isto é, precisavam trabalhar e estudar ao mesmo tempo; outros três não tiveram problemas em continuar os estudos, sem a necessidade de ter que trabalhar para se sustentar.

No grupo pesquisado, quatro tiveram quase que concomitantemente com os estudos no ensino superior dividir sua carga horária do dia com o trabalho, na maioria das vezes em ramos

completamente diferentes da EF e geralmente com vínculos informais, como citaram, trabalharam de “garçom”, “indústria têxtil”, “telecomunicações”, “vendedor”, “técnico de manutenção predial”, “atendente de farmácia”, “ambulante” (ENTREVISTAS, 2019).

“eu trabalhava à noite e eu precisava muito me manter trabalhando, trabalhar e estudar e isso se mantém até hoje” (ENTREVISTADO 1, S. 2019).

“eu tentei o vestibular, não deu certo e tinha que trabalhar e aí eu fui trabalhar e jogava voleibol nos intervalos, mas não tinha como estudar, foram mais de dez anos trabalhando, com muita coisa” (ENTREVISTADO 7, V. 2019).

Durante a conversa com os(as) entrevistados(as), em seus relatos, observamos uma grande variedade de cursos em que os estudantes ingressaram antes de adentrarem na EF da ESEF/UFPEL, mostrando que a EF muitas vezes acaba sendo uma opção secundária. Citamos aqui os cursos que eles relataram ter ingressado anteriormente: História, Design, Administração, Eletrônica, Telecomunicações e Modelagem. Apareceram também cursos que relataram como “desejados”, entre esses, Medicina, Português, Biologia e Administração. Também passaram por outras universidades e escolas técnicas, como a UERJ, UNISSINOS, Anhanguera, IFSUL, UCPel. Acreditamos que um dos possíveis fatores que foram decisivos para que esses(as) estudantes ingressassem na EF e em uma instituição pública tenha sido as políticas de cotas.

“sem a cota eu não teria entrado assim, sabe nesse exame do ENEM que eu realizei, estava de fora e entrei na chamada oral ali” (ENTREVISTA 1, G. 2019).

Em suas palavras: “o que fez com que eu viesse para Pelotas foi justamente as políticas de acesso da Universidade, como auxílio moradia, auxílio permanência, transporte e alimentação” (ENTREVISTA 6, F. 2019)

Todos(as) do grupo pesquisado são oriundos de escolas públicas, seis estudaram na cidade de Pelotas/RS e um no Rio de Janeiro/RJ, o qual relata que só foi possível estudar na UFPEL, por conta dos auxílios fornecidos pelas políticas de mobilidade estudantil na instituição.

Na opinião do alunado da pesquisa, o racismo é algo que existe e que é mascarado. Quando perguntados acerca da existência do racismo no Brasil e suas discriminações contra pessoas negras, suas opiniões, mesmo que com pouco aprofundamento, afirmaram: “realmente existe”, “eu acho que está muito forte no Brasil, tá muito enraizado”, “eu acho que existe sim, e existe muito por mais que as pessoas digam que não”, “eu acho que existe bastante”, “sim, sim, sabe, eu acho que tipo, o racismo existe”, “óbvio que tem racismo” (ENTREVISTAS 1, 2, 3, 5, 6, 7, 2019).

Na pesquisa em questão, temos em todos os depoimentos situações discriminações, quase que semelhantes; por exemplo, o uso de adjetivos ligados a fenótipos e características destas pessoas, como também ao imaginário negativo e marginalizado que é ligado aos negros(as). Em suas palavras: “ah ele é mais escurinho” “eu namorei uma menina uma vez e aí quando fui conhecer a mãe dela ela disse assim, que não gostava por que eu era mais escurinho” (ENTREVISTA 1, S. 2019). “falam do meu cabelo, da minha boca essas coisas assim” (ENTREVISTA 2, K. 2019). “teve uma vez que eu estava de capuz, um dia de noite no centro e vinha duas gurias na mesma direção e aí elas atravessaram sabe? Foi essa situação” (ENTREVISTA 1, S. 2019).

O racismo é apenas mais um dos obstáculos enfrentados por essas pessoas nesta sociedade. Para chegar até a Universidade, um jovem negro ou uma jovem negra tem e teve que superar várias estatísticas pelo seu caminho. Na atual conjuntura, ser negro(a) e conseguir completar algum dos ciclos de ensino pode ser considerado um ato “heróico”.

“eu vou falar como um homem negro e do que eu vivo. Funciona assim: tu é negro, tu tem uma marca e aonde tu vai tu está com aquela marca, então tu é vítima trezentos e sessenta dias do ano. Desde o momento que tu sai, bate a porta da tua casa, tu sofre constantemente, seja em qualquer lugar que tu anda” (ENTREVISTA 7, V. 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amparados pelos depoimentos dos(as) estudantes da pesquisa, consideramos que o desafio central continua o mesmo: debater o racismo dentro da universidade, uma vez que sabemos e evidenciamos em nosso estudo que essa discussão ainda não é feita de forma incisiva nos espaços das IFES, que ainda é privilegiado pelo fato de ainda certas pessoas, que de acordo com a história foram privilegiadas por essa ordem racial ainda ignoram a necessidade deste debate, sobre racismo.

Neste sentido, a política de cotas e toda a luta envolvida conseguiu garantir um acesso mais direto de negros(as) nestes espaços, trazendo para o agora a necessidade de avançar no que diz respeito a uma reestruturação institucional da universidade e sua produção de conhecimento para melhor acolher esses estudantes. Podemos alegar que o racismo na sua profunda “raiz” ainda não foi combatido nas instituições de ensino superior e acreditamos que estamos longe de chegar ao ideal. Mas a luta continua.

Entretanto, vale ressaltar que existem experiências localizadas e contextualizadas, as quais têm permitido às instituições uma nova produção do conhecimento, como a nossa pesquisa e algumas modificações no currículo de formação acadêmica.

Asseguramos que as políticas de permanência e pós-permanência para os(as) estudantes negros(as) devam se tornar prioridade nas IFES, pois, como vimos, um dos principais motivos de evasão destes estudantes está relacionado às dificuldades de prosseguir no curso por conta da sobrecarga muitas vezes do trabalho, ou do distanciamento do local das aulas ou ainda as dificuldades de se manter em uma rotina longa de estudos; são fatos que criam barreiras que, muitas vezes, sem o auxílio da instituição se tornam intransponíveis. O ingresso na universidade implica uma série de demandas, questões de dedicação pessoal, investimento material e o principal a inclusão social neste espaço.

## REFERENCIAS

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural, feminismos plurais**. São paulo. Pólen, 2019.
- BRASIL. Lei n. 12.711, de 29 de agosto de 2012. **Diário Oficial da União**, Brasília, 30 ago. 2012. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20112014/2012/lei/l12711.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20ingresso%20nas,m%C3%A9dio%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20112014/2012/lei/l12711.htm#:~:text=Disp%C3%B5e%20sobre%20o%20ingresso%20nas,m%C3%A9dio%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%Aancias). Acesso em: 05 abr.2019.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Disponível em: [https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil\\_a\\_c\\_mc3a9todos\\_e\\_tc3a9nicas\\_de\\_pesquisa\\_social.pdf](https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/gil_a_c_mc3a9todos_e_tc3a9nicas_de_pesquisa_social.pdf). Acesso em: 29 jul. 2019.
- HASENBALG, Carlos. **Discriminação e desigualdades raciais no Brasil**. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. Disponível em: [https://gruponsepr.files.wordpress.com/2016/10/hasenbalgdiscriminac3a7c3a3oe\\_desigualdades\\_raciais\\_no\\_brasil--\\_carlos\\_hasenbalg.pdf](https://gruponsepr.files.wordpress.com/2016/10/hasenbalgdiscriminac3a7c3a3oe_desigualdades_raciais_no_brasil--_carlos_hasenbalg.pdf)>. Acesso em: 10 dez. 2019.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**: primeiro trimestre de 2019. IBGE. mar. 2019. Disponível em: [https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com\\_mediaibge/arquivos/8ff41004968ad36306430c82eece3173.pdf](https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/8ff41004968ad36306430c82eece3173.pdf). Acesso em: 5 fev. 2020.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto Comunista 1848**. [S. l.]: Castigat Ridendo Mores, 2005. Disponível em: <http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/manifestocomunista.pdf>. Acesso em: 14 de mar 2020.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

RIBEIRO, Joclem Mariza Soares Fernandes. **Herança inter e intrageracional:** o negro na cidade de Pelotas. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010. Disponível em: <http://guaiaca.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/3323>. Acesso em: 5 jun. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Institucional:** histórico. Disponível em: <http://portal.ufpel.edu.br/historico>. Acesso em: 12 mar. 2019.

**Data de recebimento:** 21/05/2021

**Data de aceite para publicação:** 21/06/2021